

## REFERENCIAÇÃO E USO

Mônica Magalhães Cavalcante - Protexto/UFC

### Introdução

Quem se aventura a propor um quadro descritivo de funções referenciais já sabe, de antemão, que enfrentará pelo menos dois grandes empecilhos: primeiro, o de lidar com a sobreposição; segundo, o de admitir que elas podem ser observadas em níveis distintos. Estamos pressupondo, no entanto, que a separação entre esses níveis de análise só deve ser concebida para fins didáticos; na verdade, eles se imbricam, e dificilmente se poderia atribuir a um único critério determinante a escolha de uma expressão referencial em dado contexto de uso.

Neste trabalho, dou continuidade a uma avaliação das funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais, propostas por Ciulla e Silva (2008). Em Cavalcante (2008), redimensionamos essa proposta de categorização, diferenciando as funções mais gerais das que nos pareciam mais circunstanciais, e estabelecemos relações com a argumentatividade, com as estratégias intertextuais e com as heterogeneidades enunciativas. Nesta etapa da pesquisa, reflito sobre os parâmetros de análise que poderiam agrupar muitas dessas funções já classificadas na literatura.

### 1. Alguns pilares

Para começar a tratar do emprego de expressões referenciais em textos pertencentes a gêneros variados, precisamos esclarecer a noção de referente que vimos aceitando. Entendemos os referentes como objetos de discurso (MONDADA E DUBOIS, 2003; APOTHÉLOZ, 1995), entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto num cenário discursivo específico. São realidades abstratas, portanto, que podem ou não se manifestar no contexto sob a forma de expressões referenciais.

Vistos sob tal perspectiva, os referentes, e o modo como se fabricam e como evoluem no discurso, não podem ser caracterizados levando em conta somente as expressões referenciais, mas todo um conjunto de indícios que o texto fornece e articula para que a coerência seja reelaborada por cada leitor, à sua maneira. Repare-se no exemplo (1)

#### (1) Consciência limpa

No tribunal, o juiz pergunta ao réu:

- No momento do furto, o senhor não pensou nenhum instante na sua mãe, na sua mulher?
- Pensei, sim, seu doutor! Mas na loja só tinha roupa de homem!

(Disponível em: <http://www.zebisteca.com.br/4828/piadas/outros/consciencia-limpa>)

Em nenhum momento se explicita o referente *arrepentimento*, ou *culpa*, por parte do réu; ou o referente *acusação*, por parte do juiz; tampouco se menciona o referente *falta de consciência moral*, responsável pela quebra de expectativa do sentido e, conseqüentemente, pela confirmação do humor. Todavia, todos eles estão salientes no texto e são absolutamente indispensáveis à construção da coerência.

A referenciação é, assim, um processo cognitivo-discursivo; não vale, nesta visão, pensar em processos anafóricos e dêiticos examinando somente a menção de certas expressões referenciais em dados pontos da tessitura textual, como se elas não estivessem ali constituindo cadeias tanto com outros referentes que lhes forem relacionados, quanto com outros termos não-referenciais.

O que colabora para que o objeto de discurso *arrepentimento* seja elaborado nesse texto? A resposta para isso não reside num único elemento que dispararia o gatilho, nem é a mesma para todos os leitores, porque as ligações entre os conhecimentos compartilhados dependem, evidentemente, das diferentes bagagens culturais dos interlocutores e do foco de atenção a cada ponto do discurso. Algumas possibilidades seriam “consciência limpa” em oposição a *consciência suja, pesada*, que

conduziria a “o tribunal”, “o juiz”, “o momento do furto”, dentre outras, numa perfeita edificação de sentidos.

Do mesmo modo, no trecho do discurso político em (2), a expressão anafórica “uma crise” apenas homologa um referente que já vinha sendo gradativamente maturado, sobretudo a partir das metáforas “entre nuvens carregadas e tempestades violentas”:

(2) Meus caros concidadãos,

Estou aqui hoje humildemente diante da tarefa que temos pela frente, grato pela confiança que vocês depositaram em mim, ciente dos sacrifícios suportados por nossos ancestrais. Agradeço ao presidente Bush pelos serviços que prestou à nação, assim como pela generosidade e a cooperação que ele demonstrou durante esta transição.

Quarenta e quatro americanos já fizeram o juramento presidencial. As palavras foram pronunciadas durante marés ascendentes de prosperidade e nas águas plácidas da paz. Mas de vez em quando o juramento é feito entre nuvens carregadas e tempestades violentas. Nesses momentos, a América seguiu em frente não apenas por causa da visão ou da habilidade dos que ocupavam os altos cargos, mas porque nós, o povo, permanecemos fiéis aos ideais de nossos antepassados e leais aos nossos documentos fundamentais. Assim foi. Assim deve ser para esta geração de americanos.

Que estamos em meio a uma crise hoje é bem sabido. Nossa nação está em guerra, contra uma ampla rede de violência e ódio. Nossa economia está gravemente enfraquecida, uma consequência da cobiça e da irresponsabilidade de alguns, mas também de nosso fracasso coletivo em fazer escolhas difíceis e preparar o país para uma nova era. (...)

(discurso de posse do presidente dos EUA, Barack Obama. Disponível em:

<http://noticias.uol.com.br/especiais/posse-barack-bama/ultnot/2009/01/20/ult7169u43.jhtm>)

Não afirmaremos que “uma crise” manifeste uma introdução referencial inteiramente nova no texto, de vez que a imagem de nuvens e tempestades, antiteticamente posta logo após os referentes “as marés ascendentes de prosperidade” e “as águas plácidas da paz”, já sugere ao leitor que o enunciador está começando a aludir a uma situação problemática. A entidade, portanto, já vinha sendo introduzida no discurso, antes de ser formalmente realizada.

Sob o mesmo raciocínio, não nos parece lícito analisar um fenômeno como o da recategorização (transformação de referentes), por exemplo, examinando simplesmente as expressões referenciais que porventura explicitem a evolução do referente. No exemplo (3), a recategorização do referente relativo àquilo que o mau hálito provoca nas pessoas já vinha sendo “preparada” para figurar como “um terrível constrangimento”, antes mesmo de a expressão encapsuladora ser empregada e de ser ratificada por “este embaraçoso problema”:

### (3) 10 problemas comuns que causam o mau hálito

Tem situação pior do que esta: você está conversando com uma pessoa e ela se afasta lentamente do seu rosto? Essa cena é muito comum e geralmente acontece devido a um problema que atinge mais de 30% da população brasileira: o mau hálito.

Esse terrível constrangimento pode tanto afetar a sua vida social como a sua saúde. Mas quais são os motivos do mau hálito? Por que são provocados? Como evitar esse embaraçoso problema?

Para acabar com essas dúvidas e com o péssimo odor da boca, o iTodas conversou com alguns especialistas e separou 10 problemas comuns que causam o mau hálito. Trazemos ainda dicas de como resolvê-los.

#### 1 - Má alimentação

(...) **O que ajuda:** beber bastante água e ter uma dieta balanceada.

#### 2 - Jejum prolongado

(...) **O que ajuda:** comer a cada três horas.

#### 3 – Higiene oral

(...) **O que ajuda:** limpar os dentes depois das refeições.

#### 4 – Baixo Fluxo Salivar

(...) **O que ajuda:** beber muita água ou usar lubrificadores bucais.

Disponível em:

<http://www.tvcanal13.com.br/noticias/10-problemas-comuns-que-causam-o-mau-halito-43708.asp>

A sensação de repulsa das pessoas é primeiro explicitada no texto para, só adiante, ser nomeada e renomeada à proporção que novos valores são acrescentados. Muitos fatores participam, pois, da instauração de um referente no discurso, assim como da sua evolução ao longo do texto. A discussão dos tipos de funções discursivas dos processos referenciais que faremos a seguir não pode perder de vista as noções caracterizadas acima, numa tentativa de lhes ser fiel.

Em Cavalcante (2008), tomando por base teórica a tese de Ciulla e Silva (2008), sintetizamos um quadro de cerca de dez funções relacionadas não somente com mecanismos de organização textual, mas também com aspectos de uma enunciação em sentido amplo (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004). Algumas dessas funções serão redesenhadas agora, dentro de um agrupamento mais sintético.

## 2. Organização da tessitura textual

### 2.1 Articulando (sub)tópicos

As primeiras subfunções classificadas por Ciulla e Silva (2008) poderiam, a nosso ver, ser enquadradas na função maior de **Organização da tessitura textual**. Uma das mais proeminentes, neste primeiro parâmetro, é a de *articulação tópica* (ver PINHEIRO, 2005). O *tópico* é tomado, neste trabalho, como o tema de um texto, o assunto que lhe dará unidade de coerência, porque em torno deste centro girarão todos os demais subtemas. Eis por que Jubran (2006) descreve o tópico a partir de duas propriedades: esta, da *centração*, e a da *organicidade*. Pela característica da *organicidade*, pode-se dizer que um tópico central costuma organizar-se, num texto, em subtópicos arranjados em relações de subordinação (hierárquicas, verticais) ou de coordenação (horizontais)<sup>1</sup>:

O tópico discursivo manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. Esses dados, observáveis nas manifestações verbais, levam à formulação da primeira propriedade definidora de tópico, a de *centração* (...) [A segunda é a de *organicidade*]. (JUBRAN, 2006, p. 91-2)

Observemos esses mecanismos referenciais de articulação tópica no seguinte exemplo:

#### (4) Vicky Cristina Barcelona

É quase impossível classificar Woody Allen em uma categoria. Isso seria mais ou menos como aprisioná-lo a um rótulo que sua carreira e obra se encarregariam de derrubar com facilidade. No entanto, há traços que se destacam na trajetória do cineasta e um dos mais evidentes é o gosto por personagens femininas fortes. "Vicky Cristina Barcelona" fala antes de tudo sobre a mulher. Nos personagens de Rebecca Hall, Scarlett Johansson e Penélope Cruz estão expostas

<sup>1</sup> A segunda propriedade definidora do tópico discursivo é a *organicidade*, manifestada por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente em dois planos:

a) no plano hierárquico, conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;

b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso. (JUBRAN, 2006, p. 92)

várias facetas do arquétipo feminino, sem com isso parecer esquemático demais. E Javier Bardem, com sua persona direta, objetiva e pragmática, representa o homem no que tem de mais primal. Depois de "Scoop" e "O Sonho de Cassandra", dois filmes que não aconteceram, o diretor volta a sua melhor forma. Por tudo isso, foi o melhor do ano.

Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/especiais/top10/2008/>

O tópico central do texto acima orbita em torno de personagens femininas fortes, de Woody Allen - particularmente no filme *Vicky Cristina Barcelona* -, que confirma um dos traços marcantes do cineasta. Chama a atenção aqui o fato de as expressões referenciais anafóricas indiretas em grifo (“traços que se destacam na trajetória do cineasta” e “gosto por personagens femininas fortes”), antecedidas pelo marcador discursivo *no entanto*, serem os elementos que, de fato, homologam o tópico central, também confirmado por “arquétipo feminino”.

O subtópico que inaugura o texto apenas tece um comentário inicial sobre como classificar a carreira de Woody Allen e semeia o terreno para a inserção do tópico. Em seguida, as expressões anafóricas indiretas “os personagens de Rebecca Hall, Scarlett Johansson e Penélope Cruz” se tornam essenciais para a compreensão de que o subtópico em que se encontram constitui uma especificação do tema geral do texto, numa relação de subordinação. Por outro lado, é também uma anáfora indireta (“Javier Bardem”) que liga, numa relação horizontal (de coordenação), o subtópico da imagem do homem primal ao subtópico anterior das mulheres fortes. Finalmente, novas anáforas indiretas, manifestadas pelos nomes dos dois filmes que não vingaram ("Scoop" e "O Sonho de Cassandra"), associam esses dois fracassos ao sucesso da nova película, também numa relação linear, de não-subordinação.

Em resumo, por meio de uma expressão referencial, é possível:

- a) iniciar um tópico ou um subtópico;
- b) ligar um subtópico ao tópico central, subordinando um ao outro;
- c) coordenar subtópicos.

Assim como a próxima função, de *tecer a referência anafórica*, a de *organização da tessitura textual* é também constitutiva dos textos. Esta peculiaridade alça essas duas funções a um estatuto diferente, porque as faz imprescindíveis ao estabelecimento da coerência, ao contrário de outras, que poderiam ou não estar presentes em um texto.

## 2. 2 Tecendo a referência anafórica

Pode parecer tautológico propor uma função dos processos referenciais como sendo a de “tecer a referência”, mas faz sentido se pensarmos na ideia de entrelaçamento de referentes na malha textual. É como se esta função fosse a condição para se proporem as demais. Mas, se ela pré-condiciona as outras, por que, então, incluí-la no quadro classificatório? Porque ela se compõe de subfunções que se relacionam com as outras diferentemente.

a) A função de *retomar um referente*, desempenhada por anáforas correferenciais e por anáforas indiretas (não-correferenciais) cumpre, em primeiro lugar, o propósito de articular os subtópicos ao tópico central; é, portanto, uma das grandes responsáveis pelas propriedades da *centração* e da *organicidade*. São, em primeira instância, mecanismos coesivos, assim como a de *encapsular proposições*. Nada obsta, evidentemente, a que ela também se preste a outros objetivos, se lhe for associada a função de recategorizar os objetos de discurso, como veremos adiante. Outra função que lhe competiria seria a de *desambiguar uma referência* (CIULLA E SILVA, 2008), colaborando, ainda mais, para a constituição da unidade de coerência.

b) A função de *encapsular proposições* é exercida por anáforas encapsuladoras e serve, antes de tudo, para resumir conteúdos espalhados pelo menos em uma oração. O referente que essas anáforas retomam nunca é manifestado anteriormente sob a forma de uma expressão referencial, de modo que o objeto fica difusamente presente no contexto até que uma expressão encapsuladora o ratifique. Esta é, de resto, a principal diferença entre as anáforas tidas como diretas (como se só elas fossem correferenciais) e as encapsuladoras. Analisemos o exemplo (5).

### (5) A construção de uma vilã

Quando aceitou o convite para viver a Flora de *A Favorita*, Patrícia Pillar sabia que estava correndo um risco. Aos 44 anos e dona de uma carreira pontuada por personagens do bem, encararia sua primeira vilã, na primeira novela em horário nobre de um autor jovem e disposto a contrariar os modelos consagrados por seus pares mais experientes. A Flora criada por João Emanuel Carneiro entrou em cena como uma ex-presidiária com jeito de santinha injustiçada, revelou-se uma assassina dissimulada e caiu em desgraça à medida que foi engolida por suas carências afetivas. Poderia facilmente descambar para uma vilã memorável, mas caricata, como a Nazaré de Renata Sorrah, em *Senhora do Destino*. No entanto, essa trajetória inverossímil ganhou consistência. Graças a um milimétrico trabalho de construção da personagem, Flora afirmou-se como uma das vilãs mais complexas já surgidas nas novelas brasileiras e fez de *A Favorita* um sucesso em sua reta final. (...) (revista *Veja*, 14/01/2009)

A argumentação do texto é armada em torno do elogio à atuação de Patrícia Pillar como vilã na novela *A Favorita*. O referente é introduzido no discurso já a partir das primeiras pistas não só do título, que a ela remete indiretamente, mas também a partir da foto da atriz exibida na revista. Assim, quando a expressão anafórica *Patrícia Pillar* é mencionada no cotexto pela primeira vez, ela já exerce a função de *retomada*, do mesmo modo que a elipse em “encararia sua primeira vilã”. É para sobrevalorizar o trabalho minucioso e eficiente da atriz, atendendo a um propósito argumentativo, que o enunciador a recategoriza com os atributos “aos 44 anos e dona de uma carreira pontuada por personagens do bem”, mesmo sem empregar, para esse fim, uma expressão referencial.

Já a expressão “essa trajetória inverossímil” realiza a função de *encapsular proposições*, na medida em que resume o segmento “A Flora criada por João Emanuel Carneiro entrou em cena como uma ex-presidiária com jeito de santinha injustiçada, revelou-se uma assassina dissimulada e caiu em desgraça à medida que foi engolida por suas carências afetivas”. Ao mesmo tempo, incorpora também a afirmação da frase subsequente, que acrescenta a avaliação de que Flora não se transformara numa vilã caricata.

Ciulla e Silva (2008) postula uma função remissiva de, cataforicamente, *antecipar informações, mantendo dados em suspenso* para causar efeitos diversos. Esses pequenos efeitos expressivos interessam de perto à autora. Só o contexto específico de um dado texto poderia dizer, precisamente, que propósitos argumentativos esses usos anafóricos teriam; para a autora, alguns deles seriam *evitar uma referência genérica* e *evitar uma referência inadequada*.

Em gêneros jornalísticos de natureza opinativa, tais recursos são muito eficientes na preparação da tese a ser defendida, como no artigo de opinião abaixo:

### (6) Educação em áreas conflagradas

Cláudio de Moura Castro

A ciência tomou corpo quando descobriu ser mais fácil entender o mundo classificando o que se quer estudar. Aristóteles deu a partida. Muito depois, Lineu pôs ordem na biologia, separando os bichos e as plantas (“Esse de seis perninhas via com o outro, também com seis”). Assim agrupados, fica mais fácil estudá-los e encontrar-lhes outros traços comuns. Para E. Junger, a razão encontra a sua suprema metáfora na classificação das espécies da flora. Classificamos até em um campo desconjuntado como a educação. Para entender os avanços e atoleiros do nosso ensino, proponho repensar as classificações costumeiras. Consideremos as escolas como pertencendo a três categorias. Há as escolas dos grotões, há as escolas das cidades médias e pequenas e, finalmente, há as escolas conflagradas das periferias urbanas e favelas. (...) (revista *Veja*, 21/01/2009)

O referente de “três categorias” antecipa as descrições que seguirão no texto, dando uma primeira impressão ao leitor de que o propósito do enunciador seria categorizar tipos de escola. Mas a expressão introdutória “áreas conflagradas” já define, de antemão, qual será o tópico central do texto, e a expressão catafórica “avanços e atoleiros do nosso ensino” de algum modo já sintetiza parte dos argumentos que o texto elabora em seguida. Trata-se de uma anáfora encapsuladora que, no dizer de Ciulla e Silva (2008), ajuda a *capturar argumentos dispersos*, além de, neste caso, também *promover uma catálise de pressuposições* (CIULLA E SILVA, 2008).

### 3. Construção Argumentativa - recategorizando objetos de discurso

A função de *recategorizar referentes*, ao contrário das duas anteriores, que de algum modo se excluem mutuamente, pode se somar a qualquer processo referencial. Seu objetivo é fazer evoluir uma dada entidade dentro do discurso - uma circunstância natural, previsível e esperada, para um referente em qualquer texto. Várias outras funções, de caráter argumentativo, se valem do processo de recategorização para se efetivar; algumas delas foram descritas por Ciulla e Silva (2008) como *atualizar conhecimentos, especificar por meio de uma seqüência hiperônimo/hipônimo, fornecer explicações com fins definicionais e/ou didáticos, evitar uma repetição*.

Pode acontecer de uma expressão referencial anafórica promover a própria transformação do objeto no momento em que é enunciada, como bem pontuaram Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Mas pode ocorrer também de outras expressões, referenciais inclusive, contribuírem para a evolução de uma entidade no discurso, e essa transformação pode nem ser homologada por uma expressão anafórica, como vimos no exemplo (5).

Não estamos advogando que só algumas expressões referenciais se portam como argumentativas, pois aceitamos o pressuposto de que todas as escolhas lexicais e organizacionais colaboram para a arquitetura argumental, mas queremos enfatizar que algumas expressões anafóricas recategorizadoras já contêm, em si mesmas, elementos explicitamente avaliativos; é exatamente delas que estamos tratando neste item, como podemos verificar nos termos grifados em (7).

#### (7) LEIS E NOTAS MUSICAIS

NA ACADEMIA OU NA MÚSICA, FELIPE OLIVEIRA NUNCA PERDE O SEU FOCO

Mais do que a pouca idade para suas realizações, o que talvez chame a atenção no jovem Felipe Oliveira de Sousa seja sua determinação. Aos 22 anos, acaba de ser aprovado em primeiro lugar na seleção para mestrado na UFGRS, uma das universidades mais respeitadas do país, um feito e tanto não só para alguém tão jovem, recém-formado, mas para qualquer estudante. (...)

(jornal *O Povo*, 27/01/2009)

### 4 Definição do Quadro Enunciativo

Além dessas funções, tipicamente associadas a processos anafóricos, existem as que são desempenhadas por processos dêiticos, aqueles que pressupõem o ponto de origem do locutor no momento da enunciação.

#### 4.1 Indicando os participantes da enunciação

O mais evidente desses papéis é o de *indicar os interlocutores* por meio de dêiticos pessoais, como *eu* e *tu/você* e equivalentes. Num texto de seqüência narrativa, por exemplo, essa função é fundamental por possibilitar a execução de outras funções, como *assinalar os interlocutores em trechos de discurso direto e indireto livre, marcar o foco narrativo, apelar à participação do co-enunciador*, dentre outras situações.

#### 4.2 Localizando o referente no tempo e no espaço

Além dos dêiticos pessoais, os espaciais e temporais cumprem o papel de *orientar a localização de um referente no espaço/tempo*, como demonstra Ciulla e Silva (2008). Observe-se o uso de “no último sábado” e de “nesta quarta-feira”, que se apoiam no conhecimento compartilhado de que tais datas tomam como ponto de referência o dia em que a notícia foi enunciada e publicada. É por esse referencial que o falante se orienta ao selecionar o adjetivo *último* e o demonstrativo *esta* para infundir a deiticidade nas expressões em grifo. As informações entre parênteses relativas aos dias no calendário do mês não são dêiticas, exatamente para precisar as datas (dado o caráter do gênero do discurso), tornando-as, agora, independentes do tempo de enunciação do falante.

(8) 20/01/2009 - 23h17

**Mega-Sena acumula e sorteia R\$ 30 milhões nesta quarta**

da Folha Online

Ninguém acertou as seis dezenas do concurso 1.040 da Mega-Sena, sorteado no último sábado (17), e o prêmio acumulou em R\$ 25.165.354,54. Segundo estimativa da Caixa Econômica Federal, nesta quarta-feira (21), o concurso de número 1.041 pode pagar um prêmio de R\$ 30 milhões ao apostador que acertar os seis números sorteados.

De acordo com a Caixa, o rendimento mensal do prêmio na poupança pode chegar a R\$ 210 mil, o equivalente a 506 salários mínimos. Por dia, o sortido ganharia R\$ 7 mil.

As dezenas sorteadas no sábado em Poço Verde (SE) foram: 01 - 06 - 28 - 39 - 44 - 55. (...)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u492539.shtml>

### 4.3 Indicando um apelo para uma ativação da memória compartilhada

Outras expressões dêiticas exercem uma espécie de função que não serve à identificação das coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar, mas, sim, a uma sinalização para o interlocutor de que ele deve buscar em sua memória uma informação compartilhada com o enunciador. Esse papel é bem típico dos dêiticos de memória (APOTHÉLOZ, 1995), como em (9):

#### (9) Infelizes para sempre

*O filme **Foi apenas um sonho** e a série **Mad Men** reveem as frustrações da primeira geração de americanos que enriqueceu em massa e foi morar no subúrbio. A série vence por nocaute.*

Um urbanista diria que aqueles apazíveis subúrbios americanos são uma anomalia: agremiações de famílias de profissão, renda e origem iguais, sem a variedade nem a fricção americana enxerga neles algo mais – o lugar em que os casamentos são estéreis ou rancorosos, em que tudo o que não é igual é tolhido, em que a vida se desdobra sem propósito, a mediocridade reina e o consumo é deus. O fenômeno dos subúrbios (cujo equivalente, no Brasil, são os condomínios fechados) já conta com mais de meio século, mas essa sua imagem continua palpitante na ficção. É ela que está no centro de *Foi apenas um sonho* (...) (revista *Veja*, 28/01/2009).

Não importa que a expressão sublinhada já retome, por anáfora, o que foi introduzido no subtítulo pelos referentes em “primeira geração de americanos que enriqueceu em massa e foi morar no subúrbio”. Ao processo anafórico indireto se superpõe um processo dêitico de convite à memória comum dos leitores, engatilhada pelo demonstrativo *aqueles*. Note-se que, se no lugar do demonstrativo houvesse um artigo definido, o efeito estilístico de apelo à memória do interlocutor não seria o mesmo.

Há que se perceber, ainda, a função, muito própria dos dêiticos, de *salientar um referente*, como repete Ciulla e Silva (2008), uma estratégia claramente argumentativa. Um dos grandes responsáveis por essa saliência dada ao referente é o emprego de um demonstrativo, para dirigir o foco de atenção do interlocutor.

## 5 Produção de um Efeito Estilístico

Para os gêneros literários, Ciulla e Silva discerne funções mais peculiares ao discurso literário, mas algumas se aplicam também ao discurso humorístico.

### 5.1 Provocando efeitos de humor

Certos usos de expressões referenciais podem disparar o efeito de humor, como já demonstrara Lima (2004), ao caracterizar os processos de recategorização metafórica como gatilhos para a quebra de expectativa nas piadas provocando o riso. Observe-se como é a partir da expressão grifada que se constrói o efeito cômico em:

(10) Um bêbado entra na igreja e vê o padre no altar falando para os fieis, que estavam todos de pé.

- O álcool é a desgraça do homem, todos aqueles que querem ficar livres dele, sentem-se.

Todos os fieis sentaram.

Então, o bêbado lá na porta grita para o padre:

- Só nós dois mesmo, né, padre?

Disponível em: <http://www.zebisteca.com.br/5923/piadas/religiao/livre-do-alcool>

Veja-se como, somente com o emprego da expressão anafórica correferencial em “só nós dois mesmo, né, padre?”, é possível recategorizar o padre como um bêbado e configurar o valor humorístico que já se espera desse texto, inserido em um site de piadas.

## 5.2 Engajando o leitor na perspectiva do personagem

Uma das funções mais bem descritas por Ciulla e Silva (2008) na análise de narrativas literárias diz respeito à capacidade de conduzir o interlocutor pelo texto a partir da perspectiva do personagem. Não se trata propriamente de uma identificação de foco narrativo, que também seria realizada a partir do uso de uma expressão dêitica, mas, sim, de um olhar, de uma ótica segundo a qual a narrativa flui.

### (11) **Apresentando**

A Alemanha nazista.

Uma menina com um irmão morto.

Um livro preto com letras prateadas.

Neve.

Dois pais de criação.

A mulher com punhos de ferro.

O enrolador de cigarros.

Um judeu escondido no porão.

Palavras...

...e bombas.

### **. Eis um pequeno fato.**

Você vai morrer.

A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você? Que dirá o céu?

### **. Uma pequena teoria.**

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas, para mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e entonações a cada momento que passa. (...)

Primeiro aparece uma coisa branca. Do tipo ofuscante. É muito provável que alguns de vocês achem que o branco não é realmente uma cor, e todo esse tipo batido de absurdo. O branco é sem dúvida uma cor e, pessoalmente, acho que você não vai querer discutir comigo.

(romance *A menina que roubava livros*, de Markus Kuzak)

Obviamente, não estamos pleiteando que os efeitos estilísticos, como este e como outros apontados pela autora, do tipo *engajar o leitor na cenografia, transportar o leitor para o mundo ficcional, balizar os graus de distanciamento da cena da obra literária*, sejam obtidos exclusivamente por expressões referenciais. Temos ciência de que muitas outras indicações não-referenciais são convocadas para atuar em conjunto com os processos de referenciação.

Atente-se, por exemplo, para o paralelismo sintático e para o inusitado paralelismo semântico na primeira subseção do texto (11), que já levam o leitor para dentro do mundo ficcional. Mas é o subtítulo seguinte contendo a expressão encapsuladora “um pequeno fato” que, ironizando o tamanho da constatação de que a morte é a única certeza, começa a engajar o co-enunciador na perspectiva da narradora: a morte. É ela que se dirige ao próprio leitor: “Você vai morrer. A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você?”

Na verdade, toda a narrativa do livro é feita dentro de um jogo polifônico espetacular, em que o foco narrativo de terceira pessoa ajuda a marcar o ponto de vista da morte ante os acontecimentos, mas



também restringe sua onisciência à de uma entidade que vê os fatos, muitas vezes em longos trechos que não cabe aqui reproduzir, pela ótica da garota, pois teve acesso a um livro escrito pela menina que roubava livros e, por ele, alcançou muitos dos mistérios do mundo humano.

## 6 Marcação da Heterogeneidade Enunciativa

Os processos referenciais podem ser úteis ainda em diferentes expedientes de marcação de heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 2004), não somente para estabelecer diferentes graus de mescla e separação das vozes entre narrador e personagem nos discursos direto e indireto livro, como mencionamos anteriormente, como também para *denunciar um embate de vozes*, por vezes, *assinalando diferentes discursos* (CIULLA E SILVA, 2008; ver, ainda, FONSECA, 2007).

### (12) No ônibus

Fila do ônibus. Na frente, uma mulher gostosa, com roupa justíssima. O ônibus chega e ela tenta subir, não deu, tava justo demais. Ela leva sua mão para trás e desce o zíper, pra desapertar um pouco. Tenta subir de novo, mas ela não consegue. Ela leva a mão pra trás, meio desajeitada, o zíper está fechado de novo. Desce novamente e tenta subir. Não dá. Quando ela vai descer o zíper pela terceira vez, o cara que está atrás dela a pega pela bunda, a levanta e coloca a moça no ônibus.

A mocinha vira pra trás, p#@\* da vida e grita:

- Que intimidade é essa? E ele:

- Depois que você abriu o zíper da minha calça duas vezes, pensei que não ia se incomodar!

Disponível em: [http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id\\_piada=1671](http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=1671)

No exemplo acima, a expressão referencial introdutória “uma mulher gostosa, com roupa justíssima” já denuncia o discurso machista de quem enuncia o texto. Por ela, pode-se recuperar o modo como a mulher bonita e atraente costuma ser designada socialmente, num tom depreciativo, ainda que elogioso, de uma voz que a julga provocadora e que, por isso mesmo, a avalia como meio leviana. É a mesma voz que se manifesta ao final, abrindo o subentendido de que, sendo mulher, só podia ser desajeitada e curta de inteligência para abrir o zíper de um homem duas vezes e nem se dar conta. O discurso humorístico, que domina todo o texto, também se confirma, dentre outras marcas, pela expressão referencial chula “a bunda”.

Outra assinalação de heterogeneidade enunciativa ocorre quando uma expressão referencial é usada *marcando um recurso intertextual* instituído por uma expressão anafórica.

(13) “Minhas férias”, não. Ensine seus alunos a produzir textos de qualidade.

Nova Escola – a revista de quem educa.

Apenas R\$3,40. Peça ao seu jornaleiro. (anúncio em outdoor).

O exemplo (13) explora uma intertextualidade por citação, reproduzindo, por meio da expressão anafórica indireta “Minhas férias”, um título de tema de redação rotineiramente solicitado aos alunos no primeiro dia após o retorno das aulas. Mas também alude, interdiscursivamente, a um discurso pedagógico (e a uma prática) já ultrapassado, monótono e sem criatividade, que deveria ser evitado.

## Conclusão

As seis funções discriminadas neste trabalho representam apenas uma primeira tentativa de reconsiderar as funções discursivas dos processos referenciais já discutidas na literatura da área, com o objetivo de aproximar as que se orientam pelos mesmos parâmetros. Algumas

funções mais motivadas por contextos específicos, e só reconhecidas *ad hoc*, foram relegadas a estudos posteriores.

## Referências

- APOTHÉLOZ, D. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; M.-J. REICHLER-BÉGUELIN (eds) **Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores**. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-271.
- \_\_\_\_\_. e REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, v. 31, n. 3, p. 363-397, mar. 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade** – um estudo enunciativo do sentido. [apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CAVALCANTE, Mônica M. **Processos referenciais e relações discursivas**. /Comunicação apresentada por ocasião da XXII JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – Gelne. Maceió, 2004/.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CIULLA E SILVA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas** – o universo literário dos contos. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- FONSECA, Carlos Magno V. **Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- JUBRAN, Clélia C. A. S. Tópico discursivo. In: \_\_\_\_\_; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil** – construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 89-132.
- LIMA, S. M. C. de. **(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- MONDADA e DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: **TRANEL** (Travaux Neuchâtelois de Linguistique), n.23, 1995, p.273-302. Tradução para o português: Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica**. Maceió: EDUFAL, 2005.